

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

FORMAÇÃO PARA A ADAPTAÇÃO E O SUJEITO TDAH

Andrea Lunardelli Valente
UEL – deialunar@hotmail.com
Simone Moreira de Moura
UEL – simonemoura@uel.br

Eixo 4: Educação Inclusiva

Resumo

Este artigo deriva de uma pesquisa de mestrado e objetiva analisar a desatenção e a hiperatividade no âmbito escolar pela compreensão de aspectos sociais e culturais que contribuem para a crescente incidência de diagnósticos de TDAH sobre crianças e adolescentes. Justifica-se pela urgência de se investigar o aumento de 775% no consumo da substância metilfenidato que é prescrita aos diagnosticados. A pesquisa de caráter bibliográfico, analisou ancorada na Teoria Crítica da Sociedade, 75 artigos científicos sobre TDAH. A pesquisa confirmou a hipótese inicial de que a formação que prima pelo mercado de trabalho é um fator relevante na compreensão dos comportamentos considerados inadequados ao espaço escolar.

Palavras-chave: Educação; TDAH; Teoria Crítica da Sociedade.

Introdução

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) têm sido uma das principais causas de encaminhamentos de crianças e adolescentes pela escola aos serviços de saúde. Estima-se que o transtorno acometa entre 8% e 12% da população infanto-juvenil em todo o mundo. (SNGPC, 2012).

O tratamento médico para o transtorno neurológico mais comum da infância geralmente inclui a prescrição do cloridrato de metilfenidato, mais conhecido comercialmente como Ritalina ou Concerta, um composto psicoativo, da família das anfetaminas, que atua diretamente no sistema nervoso central como estimulante.

O Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* de consumo do metilfenidato, ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América. Dados indicam um aumento de 775% do consumo nacional na última década. (CRFSP, 2014).

Considerando que o aumento no consumo de medicamento psicoativo é uma ocorrência importante e que deve ser investigada e compreendida, objetivou-se analisar a desatenção e a hiperatividade no âmbito escolar pela compreensão de aspectos sociais e culturais que contribuem para a crescente incidência de diagnósticos de TDAH.

**XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS**

A hipótese inicial, de que a formação voltada para a adaptação ao mercado de trabalho constitui fator relevante na compreensão de comportamentos considerados inadequados ao espaço escolar, foi confirmada.

Metodologia

A pesquisa de caráter bibliográfico, analisou ancorada na Teoria Crítica da Sociedade, 75 artigos científicos sobre TDH em crianças, publicados na Plataforma SciELO entre os anos de 2006 e 2017, período referente ao aumento no consumo do metilfenidato no Brasil. Apenas o descritor “TDAH” foi aplicado na busca, o que possibilitou a seleção de trabalhos das mais diversas áreas do conhecimento.

Da leitura dos 75 artigos e de textos de autores e estudiosos da Teoria Crítica da Sociedade, emergiram 3 categorias de reflexão sobre o sujeito desatento e hiperativo no âmbito escolar. São elas: a educação para adaptação e o sujeito desadaptado; vontade de aprender e atenção, experiência e vivência.

A educação para adaptação e o sujeito desadaptado

Submetido ao processo de formação do qual a escola é parte essencial e obrigatória, o indivíduo é educado para adequar-se às regras da sociedade e integrar-se ao sistema de produção capitalista, fato que para Crochík (2011) é contraditório, pois a sociedade já deu conta de produzir riqueza suficiente para garantir a sobrevivência de todos, e assim, já seria possível diminuir o ritmo da produção e priorizar uma educação voltada para a formação da consciência, livre de competição e dominação, no entanto

[...] a consciência social reduz-se à consciência individual, e todos os recursos para a sobrevivência são justificados, uma vez que se trata da sobrevivência, fortalecendo-se, dessa maneira, o cinismo e a frieza (CROCHÍK, 2011, p.120).

As habilidades e competências valorizadas pela escola, e que constituem o critério de avaliação do aluno, não são neutras, antes respondem às necessidades da sociedade. Deste modo, também são importantes ao indivíduo, mas

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

apenas no sentido de que este se enquadre e se conforme com o existente. Crochík e Crochick (2015).

A educação tem o papel de integrar o indivíduo à sociedade por meio da apropriação da cultura, mas este não deve ser seu único ou principal objetivo, pois a apreensão da cultura como fim em si mesma não forma, antes, conforma. Para Adorno (1995), a educação deve priorizar a autorreflexão crítica, possibilitando o esclarecimento e conseqüentemente um clima intelectual, cultural e social que não permita a barbárie, que interrompa a exploração e a violência entre as pessoas.

[...] a verdadeira formação não pode ser separada da possibilidade de gerar uma humanidade sem exploração e sem ameaças. A formação se modifica ao longo da história; desse modo, o termo 'verdadeira' se refere à que permite a individuação, a diferenciação individual de modo a possibilitar aos indivíduos fazerem substância de si mesmos, delineando o que desejam para si e para a sociedade, semeando a liberdade. [...] (GALUCH e CROCHÍK, 2018, p.39).

A diferenciação entre indivíduos, ou entre estes e a sociedade, é obstaculizada pela negação das singularidades de cada ser em prol da exigência de um ser coletivo, o que para Adorno (1995, p.154) constitui uma situação paradoxal, já que uma "educação sem indivíduo é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem algo de quimérico e de ideológico".

A ausência da crítica também é característica desta sociedade, tão marcada por relações de exploração, dominação e desigualdades, na qual instalou-se um modelo totalitário travestido de democracia, respaldado pela invasão e controle da própria subjetividade humana, sob a crença do indivíduo de que ainda é possível escolher, mas sem perceber que suas escolhas se limitam àquelas previamente feitas e permitidas pela sociedade. "[...] Nesta sociedade, o aparato produtivo tende a tornar-se totalitário no quanto determina não apenas as oscilações, habilidade e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais [...]" (MARCUSE, 1973, p.18)

Por sua vez, Galuch e Crochík (2018, p.24) afirmam que

Se o conhecimento e as informações que poderiam servir ao esclarecimento reproduzem o existente, só servem como base a 'críticas' que reproduzem a atual sociedade, aperfeiçoando-a, inclusive, e talvez principalmente, no que tem de pior. Para ficar na

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

distinção que Adorno estabelece entre adaptação e emancipação, afirmando a necessidade de ambas como objetivos da educação, esses conhecimentos e informações fortalecem a adaptação, mas não a possibilidade de emancipação, dando ênfase à sobrevivência, e não a uma vida possível e digna de ser vivida, considerando o progresso social já existente.

Adorno (1995) salienta que a educação não deve consistir na modelagem de pessoas ou na simples transmissão de conhecimento, mas deve sim, se dedicar a formação de uma consciência verdadeira, que possibilite a emancipação e torne possível a democracia. A educação, quando se opõe à formação da consciência, está no caminho contrário à democracia.

Neste sentido, a felicidade e a liberdade só serão possíveis em uma sociedade democrática, e a democracia por sua vez, só é possível em uma sociedade de indivíduos verdadeiramente conscientes e que, portanto, sejam capazes de fazer escolhas guiadas pela própria vontade e capacidade de pensamento individual.

Se a adaptação à cultura é de interesse do próprio sujeito, na medida em que este movimento é o que possibilita a continuidade da sociedade, então esta adaptação deveria ocorrer naturalmente. Logo, a não adaptação em relação ao que contraria os interesses de uma vida livre e feliz, deve ser esperada, inclusive como indicativo de que o sujeito é capaz de resistir à própria liquidez de sua existência.

Deste modo, afirma-se que a negação do sujeito enquanto indivíduo, bem como a negação da sua vontade, viola os princípios democráticos, gerando sofrimento e resistência, mesmo que estes se apresentem inconscientemente pela desadaptação manifesta por meio do próprio corpo do indivíduo, como no caso da desatenção e da hiperatividade.

Vontade de aprender e atenção

Vontade e atenção são indissociáveis no processo de desenvolvimento do conhecimento, entretanto, a capacidade atenta de cada sujeito, além de relacionar-se à condicionamentos comportamentais baseados em reforços e punições sobre condutas aceitas ou refutadas no âmbito escolar, ou ainda, à determinações químicas, neurológicas ou biológicas, relaciona-se estreitamente à vontade de conhecer.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Crochík e Crochíck (2015) ao discorrerem sobre o *déficit* de atenção, citam observações feitas por Freud (1908) acerca das neuroses que acometiam as mulheres em decorrência da repressão sexual severa que sofriam à época, causando sofrimento psíquico e comprometimentos intelectuais, pois a dificuldade para que estas reconhecessem o próprio desejo reprimido, convertia-se em empecilho para que os impulsos sexuais não satisfeitos se ligassem a outros objetos, como os intelectuais.

Poderia ser dito que hoje não há mais esse problema, devido à crescente liberdade sexual, mas não é o caso, pois atualmente sequer o desejo de conhecer o próprio corpo e o alheio é esperado, uma vez que os corpos são expostos à exaustão: sem mistério, a curiosidade sexual quase não é mais suscitada; além disso, e principalmente, o corpo conhecido não é o corpo a ser desejado pelo trabalho da fantasia, da imaginação – responsáveis pelo surgimento do sujeito – mas o corpo desencantado, o corpo funcional, o corpo morto, tal como o concebido pela medicina; assim, em vez da curiosidade sexual, aparece a curiosidade mórbida; a consideração do TDAH como problema médico não dista desta concepção, na redução da questão da atenção/hiperatividade/impulsividade a um problema orgânico. Tal como a redução do corpo vivo às suas medidas e, assim, à morte, a configuração do TDAH como patologia também cerceia a vida (CROCHÍK e CROCHÍCK, 2015, p.212).

Como quem faz uma oferenda, sacrifica-se o desejo individual em troca do bem maior coletivo, entretanto, o bem maior não se realiza e o indivíduo não é recompensado pela abnegação do próprio desejo. A hostilidade direcionada à cultura que exige tais esforços sem nada retornar para satisfazer o desejo suspenso deve ser esperada, e assim, a cultura se torna estranha e ameaçadora, pois diante de tantas exigências de renúncias, não oferece recompensa alguma, antes, aniquila qualquer possibilidade de realização do sonho de liberdade e felicidade.

O ambiente escolar se torna hostil para aqueles que não correspondem aos padrões de desempenho e disciplina esperados, o que tolhe qualquer possibilidade de que seja aflorado o interesse do indivíduo pelo que está sendo oferecido na escola. Formas de responder à violência e à discriminação sofrida pelo aluno podem ser manifestas por meio da ação/impulsiva que quer revidar a agressão sofrida; ou ainda, pela apatia e ausência de atenção ao mundo que perpetua o sofrimento e reafirma o fracasso individual.

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

Embora o *déficit* de atenção seja amplamente discutido, o fio que conduz o aluno ao encaminhamento médico e medicamentoso, é a hiperatividade, pois é o excesso de movimento que incomoda.

Sobre a hiperatividade, Crochík e Crochík (2015) mencionam o trabalho de Freud (1920) *Mais além do princípio do prazer*, sobre a existência de um “escudo”, palavra utilizada pelo próprio autor para designar a proteção psíquica que o organismo desenvolve a fim de proteger-se das excessivas estimulações externas que lhe causam desconforto. Quanto mais intensas as estimulações, menos receptivo o organismo se torna, e em contrapartida, mais ansiedade é gerada.

Entretanto, a escola, seguindo os moldes da indústria cultural (HORKHEIMER e ADORNO, 1985), tem oferecido cada vez mais estimulação, por meio de aulas *show* que se apoiam em jogos de imagens e sons para prender a atenção dos alunos; mas parece que o efeito colateral é justamente o despertar dos mecanismos de defesa do organismo que levam o sujeito a extravasar a ansiedade gerada pela impossibilidade de estabelecer relação com o objeto oferecido.

O sujeito descarrega aleatoriamente seus impulsos que se convertem em movimentos descontextualizados, aliás, tão fora de contexto como o que está sendo ofertado na escola.

[...] O desgaste da atenção, reduzida à capacidade de responder às exigências de capturar imagens apresentadas num tempo cada vez menor, se sustenta, portanto, na intensificação da urgência das pessoas em esquecer o sofrimento vivido e preservado pelas relações de troca. Para se resignarem às condições de produção, à dor que elas produzem como se ainda não pudessem ser superadas, estudantes e professores exercitam sua percepção nos trilhos oferecidos pela indústria cultural. [...] (RODRIGUES; FARIA; CASTRO, 2013, p.17).

Para Rodrigues; Farias e Castro (2013) a vida moderna encontra-se amplamente permeada pela estimulação tecnológica que representa os interesses da indústria cultural, inclusive no âmbito escolar, que cada vez mais tem recorrido aos aparatos audiovisuais como meio para transmissão dos conteúdos escolares. Entretanto, o que deveria ser meio de transmitir conteúdos, transforma-se no fim, importando mais a forma como se apresenta do que o próprio conteúdo.

Neste sentido, a desatenção é atenta: recusa o que é oferecido, como se percebesse seu grau de simulacro; a hiperatividade é sem ação: é

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

tão sem objetivo quanto as tarefas sem sentido que são oferecidas pela escola, que já se tornaram praticamente anacrônicas, como a educação para o trabalho, num momento em que este é gradualmente automatizado, dando possibilidade à educação de ser repensada para além da autoconservação e da adaptação (CROCHÍK e CROCHÍCK, 2015, p.215).

Não se trata de defender que os conhecimentos devam moldar-se de acordo com vontades aleatórias dos aprendizes, mas sim, que o aprendiz precisa necessariamente encontrar no conhecimento transmitido, sentido e relação com a própria vida e com as possibilidades de transformação de si e do mundo, por meio da emancipação, da crítica e, conseqüentemente, da ação pensada e refletida capaz de mudar a realidade.

Foi a transmissão dos conhecimentos historicamente acumulados que permitiu ao homem, movimentos de superação dos modos de sobreviver, diferenciando-o de seus antecessores na realização de melhores condições de vida. Neste sentido, interesse e vontade de aprender estiveram relacionados à possibilidade de uma vida mais feliz.

Por outro lado, parece natural que tanto a vontade, quanto a atenção se dispersem quando não identifica-se no conhecimento transmitido qualquer possibilidade de superação de sua miserabilidade, ou ainda, identifique neste, a condução para a continuidade do aprisionamento em uma realidade que não condiz com sua vontade.

Segundo Crochík e Crochíck (2015, p.207)

Para que um conteúdo possa “prender” a atenção do aluno, interessá-lo, levando a um controle necessário sobre seus gestos provenientes de impulsos, isto é, a uma disciplina necessária para a atenção, deve encontrar na experiência desse aluno uma base importante, sem a qual ele não tem como incorporá-lo. Essa experiência certamente transcende os muros escolares, mas é fortalecida na escola. Ela implica continuidade de elaboração do contato com o objeto; se esse aparecer como descartável, de pouca importância, não apresentando sentido para o escolar, dificilmente prenderá a sua atenção.

Acontece que do modo como os currículos têm sido estruturados, a formação tem sido reduzida à informação, como aquelas expostas pela televisão ou encontradas no *Google*, rápidas e sem muita profundidade, porém, aparentemente

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

conclusivas, o que dispensa o pensamento reflexivo capaz de transformar o informe em experiência formativa.

Vivência e a hiperatividade

Informação e tempo, elementos que despertam a tensão entre experiência, tempo e movimento; mas não o mesmo tempo necessário para se tomar a informação; outro tempo, um tempo não cronometrado; um tempo que seja para sentir, refletir, dar sentido e significação; tempo de vida e não de relógio.

[...] Na sociedade moderna predominam vivências de sujeitos individuais, cuja apreensão da cultura universal é prejudicada pela atenção distraída e pela falta de memória [...] Em suma, a humanidade desenvolveu e acumulou um patrimônio cultural incalculável, mas a experiência não torna este patrimônio parte constitutiva dos sujeitos (GALUCH e CROCHÍK, 2018, p.202).

Na fábula citada por Benjamin (2016, p.85) sobre o pai que antes de morrer, conta aos filhos a existência de um tesouro guardado sob suas terras, o que levou os herdeiros a revirarem o terreno, arando e tornando-o ainda mais fértil e produtivo, é revelada a riqueza contida no ato da experiência, no percurso de um conhecimento, em que a construção de sentidos e significados possibilitados, pelo movimento da própria experiência, e não apenas pelo dado informado.

Mais adiante na fábula, o autor (2016, p.86) questiona: “de que nos vale toda a cultura se não houver uma experiência que nos ligue a ela?”.

Compare-se a tela em que se projeta o filme com a tela em que se encontra o quadro. Na primeira, a imagem se move, mas na segunda, não. Esta convida o espectador à contemplação; diante dela, ele pode abandonar-se às suas associações. Diante do filme, isso não é mais possível. Mas o espectador percebe uma imagem, ela não é mais a mesma. Ela não pode ser fixada, nem como um quadro nem como algo de real. A associação de idéias do espectador é interrompida imediatamente, com a mudança da imagem. Nisso se baseia o efeito de choque provocado pelo cinema, que, como qualquer outro choque, precisa ser interceptado por uma atenção aguda. O cinema é a forma de arte correspondente aos perigos existenciais mais intensos com os quais se confronta o homem contemporâneo. Ele corresponde a metamorfoses profundas do aparelho perceptivo, como as que experimenta o passante, numa escala individual, quando enfrenta o tráfico, e como as experimenta, numa escala histórica, todo aquele que combate a ordem social vigente (BENJAMIN, 1955, p.192).

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

O expectador do quadro, que com tempo contempla, sente, reflete e permite florescer sentidos, transformando-se em outro, que não aquele de quando chegou. Trata-se da representação da experiência, que quando socializada, se multiplica em outras experiências, para outros expectadores, que por sua vez contemplam e resignificam, compreendendo o valor que se pode encontrar na tradição e na história, que não deve ser desprezada, a menos que se pretenda estagnar-se a lugar algum.

O movimento da tela do filme, preenche todos os espaços que caberia ao expectador imaginar, contemplar e significar. Neste processo, o sujeito é passivo, recebe sucessivas estimulações. Quando se questiona sobre o que vê, recebe a resposta pronta que vem com a próxima imagem, que revela até o pensamento a ser pensado. Neste sentido, não há experiência, mas vivência de choques, rápidos e voláteis, que antes mesmo de serem apreendidos, se desfazem diante o público, dando lugar a outra imagem e assim sucessivamente.

A sociedade da estimulação se contradiz ao patologizar a hiperatividade, pois ao obstar a possibilidade do parar, pensar e existir como indivíduo, não deve esperar que seus membros sejam capazes de refletir suas ações. Para Bondía (2002) a prevalência da informação sobre a experiência; a exigência de que se exercite a opinião como um ato reflexo diante de qualquer informação, mesmo que sem reflexão; e a velocidade com que os fatos se apresentam na modernidade, constituem a base da “anti-experiência”, e portanto, da racionalidade irracional.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p.24).

O indivíduo moderno, incessantemente submetido aos ininterruptos estímulos e gozos proporcionados pelos choques imagéticos advindos da indústria cultural, tem comprometida sua capacidade de suspender desejos e aguardar

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

recompensas. O sujeito moderno parece não suportar vazios, interrogações ou frustrações; pois seu tempo é instantâneo e seu gozo precoce.

O verbo esperar não faz parte do vocabulário moderno, pois desde crianças, amparados pelo entretenimento infantil, tão colorido quanto sem sentido, se acostumam a não perceber que esperam a comida ficar pronta ou a vez de ser atendido pelo médico; e mais, se acostumam a comer sem saber o que comem, pois a animação “galinha pintadinha” da tela se torna mais protagonista da refeição do que o próprio alimento.

Sem contar que este tipo de distração concentrada à qual são submetidas as crianças desde a mais tenra idade, também se sobrepõem às possibilidades de diálogos em família, onde poderiam ser narradas histórias e experiências que serviriam como base para que uma história diferente da que se apresenta na tela pudesse surgir.

A desatenção e a hiperatividade aparecem como resultados de um tipo de hipnose, mas não aquela hipnose freudiana que buscava induzir os indivíduos a olharem para a própria essência, ressignificando a existência e dando sentido para a vida; mas outra, que induz à ausência de sentido, tanto da ação quanto do pensamento.

Se a psicanálise de Freud buscou nas técnicas da hipnose e da associação livre um meio de possibilitar que o indivíduo se aquietasse e se voltasse para dentro de si, experimentando e compreendendo suas dores e desejos, hoje, o indivíduo é impelido a voltar seu olhar ao que é externo a si, é hipnotizado pelo mercado, pelas mídias, e a associação do pensamento não pode mais ser livre, devendo sim, associar-se ao que é imediato e que tenha valor de troca, pois estes são os imperativos que regem a sociedade moderna.

Conclusão

É necessário que professores/pesquisadores comprometidos em uma educação que forme para a emancipação do sujeito, investiguem e considerem os aspectos sociais e culturais presentes no âmbito escolar, no intuito de protagonizarem a busca por caminhos de superação de seus próprios entraves, como a compreensão

XVIII SEDU - SEMANA DA EDUCAÇÃO
I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
CONTEXTOS EDUCACIONAIS: FORMAÇÃO, LINGUAGENS E DESAFIOS

de que por vezes o comportamento inadequado frequente do educando não é sintoma de doença individual, mas denuncia o mal-estar coletivo da sociedade.

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1995.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo, Brasiliense, 1955.

BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2016.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, Jan./Fev./Mar./Abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em: 5 dez. 2018.

BRASIL. Sistema Nacional de Gerenciamento de Produtos Controlados. Boletim de Farmacoepidemiologia. **Prescrição e consumo de metilfenidato no Brasil: identificando riscos para o monitoramento e controle sanitário**. 2012. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/sngpc/boletins/2012/boletim_sngpc_2_2012_corrigido_2.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2017.

CRE SP. Conselho Regional de Farmácia do Estado de São Paulo. **Consumo de Ritalina aumentou 775% em dez anos**. 2014. Disponível em: <<http://portal.crfsp.org.br/noticias/5713-consumo-de-ritalina-aumentou-775-em-dez-anos-aponta-pesquisa.html>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

CROCHÍCK, J. L. **Teoria crítica da sociedade e psicologia: alguns ensaios**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CNPQ, 2011.

CROCHÍK, J. L.; CROCHÍCK, N. A desatenção atenta e a hiperatividade sem ação. In: **Medicalização de Crianças e Adolescente: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

GALUCH, M. T. B.; CROCHÍCK, J. L. **Formação Cultural, ensino, aprendizagem e livro didático para os anos iniciais do ensino fundamental**. Maringá: Eduem, 2018.

HORKHEIMER, M.; ADORNO T. W. **Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1985.

MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

RODRIGUES, L. A., FARIAS, M.N.; CASTRO, C.S. A atenção nas malhas dos interruptos gozos proporcionados pela indústria cultural. **Educação Unisinos**. 17(1), p. 11-18, jan./abril, 2013.